

Consumo de alimentos industrializados por crianças durante o tratamento contra desnutrição.

Kamilla Morais Domingos Barroso¹, Andréa da Silva Lima¹, Jéssica Kelly da Silva¹, Chislene de Araújo Sousa¹, Lia Ribeiro de Borba Sanford Fraga²

1. Centro Universitário Estácio do Ceará – Acadêmicas do Curso de Nutrição

2. Centro Universitário Estácio do Ceará – Nutricionista e preceptora do Curso de Nutrição

Resumo

A desnutrição presente na infância é uma patologia de origem multicausal cuja raízes se encontram na pobreza. Esta carência promove inúmeras alterações fisiológicas com intensão de adaptar o organismo à insuficiência de nutrientes além de afetar a saúde e diminuir a atividade física e intelectual. Atualmente a transição nutricional é algo recorrente no Brasil, uma vez que o índice de desnutrição infantil vem reduzindo constantemente, sendo substituído pelo quadro de sobrepeso e obesidade através da alimentação baseada no alto consumo de industrializados. Diante do que foi relatado o presente estudo teve como objetivo avaliar a frequência do consumo de alimentos industrializados por crianças durante o tratamento contra desnutrição. Trata-se de estudo transversal de natureza quantitativa, realizado no instituto da primeira infância localizado em Fortaleza-Ce. A população analisada foi composta por 50 crianças entre 2 a 6 anos de idade e com auxílio de um questionário frequência alimentar. Após a análise dos resultados observou-se um elevado consumo na frequência diária e durante 3 a 4 vezes por semana, destacando-se o biscoito sem recheio (40,47%) e (38,10%) respectivamente. Já nas frequências subsequentes foi visto que o consumo de ultraprocessados tiveram um percentual considerável, ressaltando os biscoitos com recheio, refrigerante e salgadinhos de pacote. Sabendo que as crianças estudadas estavam em um quadro de vulnerabilidade por conta da desnutrição o resultado obtido é preocupante uma vez que o ganho de peso advindo de uma má alimentação pode desencadear carências nutricionais que venham a prejudicar o crescimento e desenvolvimento cognitivo da criança ou ocasionar em uma transição nutricional correlacionadas a outras patologias.

Palavras-chave: Desnutrição infantil, Alimentos industrializados

Introdução

O baixo peso é um grande problema nos países em desenvolvimento. Afetando a saúde e diminuindo a atividade física e intelectual, o que implica danos na ordem econômica, política e social (BATISTA, 2015). A desnutrição presente na infância é uma patologia de origem multicausal cuja raízes se encontram na pobreza. Esta carência promove inúmeras alterações fisiológicas com intensão de adaptar o organismo à insuficiência de nutrientes (JESUS et al., 2014).

Atualmente a transição nutricional é algo recorrente no Brasil, uma vez que o índice de desnutrição infantil vem reduzindo constantemente, sendo substituído pelo quadro de sobrepeso e obesidade através da alimentação baseada no alto consumo de industrializados (SOARES et al., 2013).

Estas substituições de produtos in natura e minimamente processados por ultra processados trazem consequências, causando desequilíbrio na oferta de nutrientes e alta ingestão de calorias (SILVA; LATINI; TEIXEIRA, 2017). São alimentos condutivos ao consumo excessivo pois possui característica de ser hiper

palatáveis e vendido em grandes porções, duráveis, fáceis de transportar e susceptível de ser consumido a qualquer momento e em diversos lugares (CANELLA et al., 2014).

A mídia tem papel importante no avanço dessa problemática, pois as indústrias de alimentos divulgam seus produtos através da internet, revistas, jornais e principalmente por comerciais atrativos de televisão, o que favorece o interesse no público infantil. Em geral as propagandas influenciam as crianças a consumir produtos ultra processados, comprometendo deste modo a construção de hábitos alimentares saudáveis (OLIVEIRA; SOUZA., 2016)

O consumo em demasia destes produtos ocasiona impactos negativos à saúde, sendo um grande responsável pela epidemia global da obesidade e desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis, que vem atingindo frequentemente a primeira infância (WAGNER; MOLZ; PEREIRA, 2017).

Segundo o Guia Alimentar para População Brasileira (2014) alimentos ultraprocessados tendem a possuir alto teor de gorduras saturada e hidrogenadas, o que pode corroborar para desenvolvimento de dislipidemias. Além disso apresentam baixa quantidade de fibras que são essenciais para prevenção de várias patologias como: diabetes, doenças do coração, câncer entre outras. A baixa quantidade de fibras desses produtos se dá pela ausência de partes inteiras, pois esses alimentos passam por vários processos durante sua fabricação. Essas mesmas condições fazem com que o ultraprocessamento resulte em produtos pobres em vitaminas e minerais, substâncias essas normalmente presentes em alimentos “in natura” ou minimamente processados.

Sabendo disto a alimentação saudável é fundamental para a recuperação, manutenção e redução de problemas de saúde. As principais complicações nutricionais são decorrentes do excesso ou carência de determinados nutrientes. As patologias advindas destas alterações se apresentam após um longo período de inadequação do consumo alimentar. Tornando assim, a alimentação um fator determinante contra doenças na infância e fase adulta (MACHADO; WEBER, 2016).

Diante do que foi relatado o presente estudo teve como objetivo avaliar a frequência do consumo de alimentos industrializados por crianças durante o tratamento contra desnutrição.

Metodologia

Trata-se de estudo transversal de natureza quantitativa, realizado no instituto da primeira infância localizado em Fortaleza-Ce durante o mês de agosto de 2018. A população analisada foi composta por 50 crianças entre 2 a 6 anos, onde todos participavam de programas sociais do governo como bolsa família ou bolsa escola e programas de doação para pessoas carentes e estavam em tratamento contra desnutrição no IPREDE. Com auxílio de um questionário foi analisado a frequência do consumo de alimentos industrializados. Para desenvolvimento do formulário foi utilizado o QFA validado e aplicado por Colucci (2004), como base no citado a frequência e os tipos de alimentos foram adaptados de acordo com a realidade vista em anamneses desenvolvidas na instituição. O QFA foi aplicado pelas pesquisadoras através de entrevista com os responsáveis que tinham ciência do consumo alimentar da criança.

Com intuito de uniformizar o preenchimento desse instrumento foram estipuladas 6 categorias de frequência do consumo alimentar, sendo divididos em: diariamente; 3 a 4 vezes por semana; 1 vez por semana; quinzenalmente; 1 vez por mês e nunca. Correlacionando com o consumo de 12 alimentos industrializados tais são: refrigerantes; sucos em caixa ou pó; bebida láctea/sabor chocolate; achocolatado

em pó; biscoito com recheio; biscoito sem recheio; salgadinho de pacote; bolinhos de pacote; macarrão instantâneo; preparações congeladas; guloseimas (chocolates, balas...) e embutidos (empanado, carne de hambúrguer).

A análise dos dados coletados foi desenvolvida através do software Excel® e analisada de maneira descritiva, classificadas pela frequência do consumo alimentar e resultadas em índices.

Resultados e Discussão

Das 50 crianças apenas 42 estavam aptas para participar da pesquisa pois 5 apresentavam APLV e outras 3 possuíam intolerância ao glúten, com isso o consumo dos alimentos listados não estão dentro da realidade alimentar dessas crianças. Do montante selecionado 61,90% se encontravam entre a faixa etária de 2 a 3 anos e 59,52% eram do sexo masculino. Analisados os resultados observou-se que a frequência do consumo diário se destaca produtos como biscoito sem recheio (40,47%), salgadinhos de pacote (28,57%) e guloseimas (26,19%), já na frequência de 3 a 4 vezes por semanas foi visto novamente o biscoito sem recheio (38,10%) como o mais consumido, em seguida as guloseimas (28,57%) e embutidos (26,19%).

Os alimentos listados com a frequência diária são aqueles que a grande maioria do público infantil tem preferência por levar em lancheira escolar, uma vez que as propagandas correlacionam esses produtos com personagens infantis e são considerados fáceis de transportar. De acordo com os resultados obtido por Pedraza et al. (2017) de 1081 crianças estudadas 12% (132) não comiam frutas e/ou verduras, 22,20% (240) lanchavam salgadinhos de pacote e 46,99% (508) consumiam guloseimas (sorvete, biscoitos, doces) e refrigerante como lanche escolar.

Já na frequência de 1 vez por semana destacam-se o biscoito com recheio (33,33%), refrigerante (30,95%) e salgadinhos de pacote (28,57%). Segundo Alves et al. (2013) a ingestão de refrigerantes e sucos artificiais é um aspecto que merece atenção tendo em vista que esse consumo está associado à redução da ingestão de leite e sucos de frutas, contribuindo para o aumento da ingestão calórica e suas consequências, da mesma forma o maior consumo de biscoitos sobretudo recheados. No estudo realizado por Aires et al., (2011) a frequência semanal do consumo de alimentos industrializados no domicílio foi maior em pré-escolares sem excesso de peso comparado com aquelas com excesso de peso. Entretanto na pesquisa citada ressaltou-se que não foi avaliado a quantidade (porções) destes alimentos. Mas deixou claro que o público infantil independente do peso corpóreo possui consumo frequente nesses produtos.

Quinzenalmente os alimentos mais consumidos são o achocolatado em pó (19,05%) e os salgadinhos de pacote (16,66%). Já para a frequência do consumo mensal ressalta-se o refrigerante (26,19%) e macarrão instantâneo (19,05%). Foi visto que os produtos menos consumidos de acordo com a frequência nunca foram a preparações congeladas (42,86), macarrão instantâneo (38,10%) e bolinhos de pacote (35,71%).

Todos esses valores levantados mostram de maneira geral que ainda é preciso um trabalho árduo de incentivo, promoção de uma alimentação saudável, é bastante intrigante a constatação de que todas essas crianças fazem parte de programa de apoio nutricional para recuperação do peso, a escolha destes tipos de alimentos processados e ultra processados só pioram seus prognósticos pois sabe-se que o consumo regular de tais produtos levam a problemas nutricionais graves.

Os resultados desse estudo não podem ser utilizados como padrão para a população geral, visto que foram incluídas apenas crianças com baixa situação econômica, esses dados foram reportados pelas mães,

mostrando que esse consumo representa quase 50% da ingestão alimentar diária contribuindo para desenvolver riscos de doenças associadas ao consumo excessivo de calorias, gorduras e sódio.

Esses resultados podem ser ainda mais expressivos considerando que os hábitos alimentares desenvolvidos na infância permanecem na vida adulta, influenciando as condições de saúde em curto e longo prazo.

Conclusão

Com base nos resultados obtidos foi visto o consumo de industrializados como algo frequente nesta população. Sabendo que as crianças estudadas estavam em um quadro de vulnerabilidade por conta da desnutrição, este resultado é preocupante uma vez que o ganho de peso advindo de uma má alimentação pode desencadear carências nutricionais que venham a prejudicar o crescimento e desenvolvimento cognitivo da criança e ocasionar em uma transição nutricional correlacionadas a outras patologias.

Referências

- AIRES, Ana Paula Pontes et al. Consumo de alimentos industrializados em pré-escolares. **Revista da Amrigs**, Porto Alegre, p.350-355, dez. 2011.
- ALVES Mabel Nilson et al. Consumo alimentar entre crianças brasileiras de dois a cinco anos de idade. Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS), **Ciência & Saúde Coletiva**, 2013.
- BATISTA, Mairelis Rivero; ABELEIRA, Tamara Peña. Malnutrición proteica energética aguda o kwashiorkor en niños menores de cinco años. **Revista Electrónica Zoilo E. Marinello Vidaurreta**, [s.l.], v. 38, n. 2, p.1-5, dez. 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Guia alimentar para a população brasileira. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
- CANELLA, Daniela Silva et al. Ultra-Processed Food Products and Obesity in Brazilian Households (2008–2009). **Plos One**, [s.l.], v. 9, n. 3, p.1-6, mar. 2014.
- JESUS, Gilmar Mercês de et al. Déficit nutricional em crianças de uma cidade de grande porte do interior da Bahia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 19, n. 5, p.1581-1588, maio 2014. FapUNIFESP. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014195.010220134>
- MACHADO, Tiffany Bustamante; WEBER, Márcia Lopes. Análise do teor de gorduras em alimentos industrializados consumidos pelo público infantil. **Lifestyle Journal**. São Paulo, p. 44-58. set. 2016.
- OLIVEIRA, Ana Carolina da Silva; SOUZA, Ludmilamaria Barros de. Avaliação da frequência do consumo de alimentos ultraprocessados de crianças menores de 10anos. **South American Development Journal Society**. São Paulo, p. 141-154. jun. 2016
- PEDRAZA, Dixis Figueroa et al. Estado nutricional e hábitos alimentares de escolares de Campina Grande, Paraíba, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 22, n. 2, p.469-477, fev. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017222.26252015>
- SILVA, Viviane Simões de Freitas; LATINI, Juliana Pacheco Tomaz; TEIXEIRA, Michelle Teixeira. Análise da rotulagem de alimentos industrializados destinados ao público infantil à luz da proposta de semáforo nutricional. **Visa em Diabete Sociedade, Ciência e Tecnologia**, Rio de Janeiro, p.36-44, 14 fev. 2017.
- SOARES, Letícia Ramos et al. A transição da desnutrição para a obesidade. **Brazilian Journal Of Surgery And Clinical Research**. Ipatinga, p. 64-68. 18 nov. 2013.
- WAGNER, Rubiane Inara; MOLZ, Patrícia; PEREIRA, Camila Schreiner. Consumo de alimentos processados e ultraprocessados por escolares de Arroio do Tigre, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, Pombal, v. 7, n. 3, p.90-94, maio 2017.